

# CÔAVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

N.º 12 • ANO DE 2010

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

# Olgas de Ervamoira: Seis Metros de Arquivo da Pré-História nas Margens do Rio Côa

THIERRY AUBRY\*; LUCA ANTONIO DIMUCCIO\*\*  
JORGE DAVIDE SAMPAIO\* E ANDRÉ SANTOS\*

**RESUMO:** Apresentam-se os resultados preliminares de um conjunto de sondagens arqueológicas realizadas em 2009 no sítio das Olgas de Ervamoira (Muxagata, Vila Nova de Foz Côa), as quais revelaram novos indícios de ocupação pré-histórica no Vale do Côa.

## INTRODUÇÃO

O sítio denominado Olgas de Ervamoira ocupa uma plataforma topográfica de cerca de 80 m de largura ao longo de 150 m da margem esquerda do rio Côa (Figura 1). A plataforma aluvial localiza-se a cerca de 450 m para nordeste da Quinta de Santa Maria da Ervamoira, subjacente ao rebordo

de uma plataforma ocupada pelas vinhas desta quinta. Os terrenos aplanados no seu sector mais baixo forneceram seixos talhados durante as primeiras prospecções realizadas com o objectivo de estabelecer a sequência de ocupação paleolítica da região (Zilhão, 1997). Este nível da plataforma topográfica, que corresponde às margens do rio Côa quando este corria a cerca de 30 m acima do seu nível actual, é um elemento da paisagem do baixo Côa que também foi detectado a montante, na margem esquerda deste rio, nos sítios do Curral Velho e é sobrejacente aos níveis onde se localiza a maioria das gravuras da Quinta da Barca. Os depósitos visíveis à superfície, compostos por areias e seixos depositados pelo rio Côa, podem ser datados de uma fase com um clima mais quente e

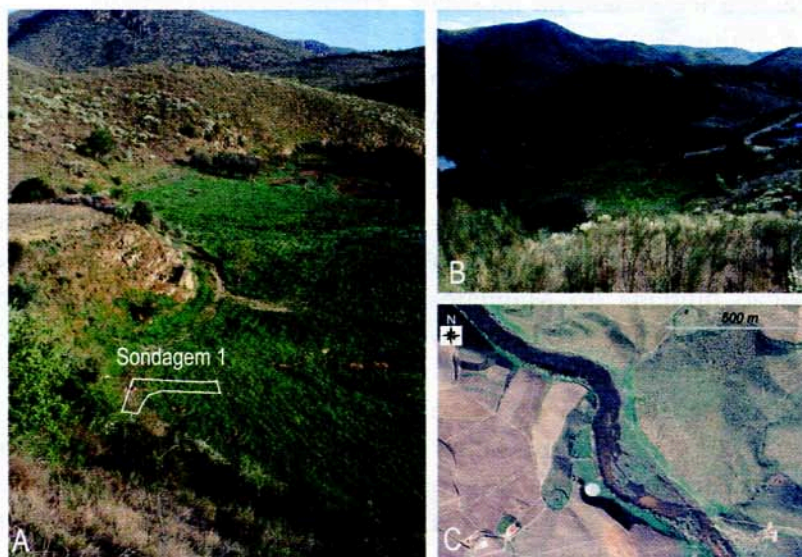


Figura 1: *Olgas de Ervamoira.*

\* IGESPAR-IP, Parque Arqueológico do Vale do Côa, Avenida Gago Coutinho e Sacadura Cabral, 19-A, 5150-610 Vila Nova de Foz Côa, Portugal.

\*\* Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT), Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Praça da Porta Férrea, 3004-530, Coimbra, Portugal.

contemporâneo da ocupação da região pelo *Homo Erectus* (Aubry et al., 2002).

O sítio apresentado neste artigo localiza-se a cerca de uma centena de metros da Estação Arqueológica da Ervamoira, escavada entre 1985 e 1996 sob a direcção do Dr. José Gonçalves Guimarães (1996). O seu limite é definido a oeste por uma vertente rochosa exposta durante o processo de incisão da rede hidrográfica ao longo do Quaternário constituída por rochas metamórficas da formação de Desejosa (Ferreira da Silva e Ribeiro, 1991; Ribeiro, 2001).

Estes terrenos regularmente afectadas pelas cheias, e por isso denominados como Olgas, apresentam-se pouco inclinados no contexto da topografia regional. Tal característica foi aproveitada para a plantação de vinha no final dos anos setenta, aquando da transformação da Quinta de Santa Maria numa área de produção vinícola. As videiras, ainda produtivas durante as prospecções arqueológicas realizadas por técnicos do PAVC em 1996 (Zilhão, 1997), foram integralmente arrancadas no final desta década devido ao aumento de inundações provocadas pela construção e posterior obstrução da galeria de derivação da ensecadeira do projecto de barragem no baixo Côa.

Os estudos realizados com base nos resultados obtidos no sítio do Fariseu localizado na mesma margem, a cerca de 3 quilómetros a jusante das Olgas de Ervamoira, permitiram precisar o quadro da ocupação do Vale do Côa durante a Pré-história e revelaram a conservação de vestígios e depósitos contemporâneos na área correspondente ao limite entre a planície aluvial e a vertente rochosa. Neste sítio, a erosão que afecta os sedimentos que contêm os vestígios de ocupação humana do Magdalenense final (datado de há cerca de 11000 anos) mostra que as cheias afectaram os terrenos situados a menos de 5 metros de elevação do curso actual (Aubry e Sampaio 2008a e 2008b; Aubry et al., 2007). Esta fase de erosão provocada pelo rio já tinha sido identificada durante os primeiros trabalhos arqueológicos e na sondagem geológica realizada a jusante da Penascosa (Meireles e Almeida 1997; Zilhão, 1997). As indústrias líticas, as datas radiométricas (TL, OSL e  $^{14}\text{C}$ ) e as observações geológicas feitas sobre o sítio do Fariseu convergem no sentido de se poder correlacionar

esta erosão fluvial com a brusca mudança climática e o aquecimento de âmbito mundial ocorrido no final da última fase glacial que corresponde ao início do Holocénico (Aubry et al., 2002; Mercier et al., 2006; Aubry e Sampaio, 2008b).

A análise dos mapas topográficos e das fotografias aéreas da bacia do Côa revelou que o sítio das Olgas de Ervamoira reunia condições geomorfológicas semelhantes às detectadas no sítio do Fariseu e, conseqüentemente, susceptíveis de conservar depósitos pleistocénicos. Uma observação da superfície dos terrenos localizados entre a vertente rochosa e a planície aluvial levada a cabo em Abril 2009 revelou uma alimentação, em funcionamento pouco antes do momento da nossa passagem pelo sítio, originada pela escorrência das águas provenientes da plataforma ocupada pela vinha do topo da vertente. A maior distância do rio observou-se a deposição de aluviões de textura fina, processo que originou o abandono do cultivo da vinha nesta área da Quinta. O corte visível na margem do rio Côa apresentava na sua base seixos de granito e quartzo de grandes dimensões, semelhantes aos depósitos conservados na mesma margem a jusante do sítio e ao longo da parte mais baixa da planície aluvial do Côa, afectada pelas cheias sazonais actuais.

## METODOLOGIA DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS

A escavação realizada no sítio em Maio de 2009 tinha como objectivos a confirmação da existência de vestígios de ocupação humana e, se tal se revelasse positivo, a cronologia dos mesmos. Numa situação onde nenhum indício arqueológico tinha sido recolhido à superfície, foi realizado um levantamento topográfico da vertente que indicava que o potencial sedimentar podia atingir uma espessura de oito metros na parte mais afastada do rio, a crer na hipótese de que o afloramento rochoso de base pudesse apresentar uma topografia horizontal. Uma outra indicação foi proporcionada pela limpeza de um corte deixado por uma escavação que ocupa a parte central do sítio, sugerindo a existência de um espesso registo

sedimentar, pelo que foi decidido iniciar as sondagens com auxílio de meios mecânicos (mini bobcat Komatsu PC 26 MR, disponibilizada pela Quinta da Ervamoira/Ramos Pinto, a quem expressamos o nosso agradecimento).

Os sedimentos removidos durante a intervenção mecânica foram objecto de um acompanhamento constante. A este processo seguiu-se a caracterização estratigráfica e sedimentológica dos cortes obtidos por meios mecânicos e manuais. Esta documentação tinha como objectivo a recolha de dados complementares sobre a natureza dos depósitos quaternários da bacia do Baixo Côa, pretendendo-se reconstruir os processos e mecanismos de sedimentação no local e a averiguação do contexto estratigráfico dos eventuais vestígios de ocupação dos artistas que viveram no vale.

Foram realizadas quatro sondagens ao longo da planície aluvial, dispostas perpendicularmente em relação à vertente (Figura 2). A espessura dos depósitos evidenciados é de valor excepcional tendo em

conta o contexto do registo sedimentar quaternário conservada na região (Meireles e Almeida, 1997; Monteiro e Angelluci, 2004; Aubry et al., 2009). Como tal, esta situação ofereceu uma oportunidade única para reconstituir com mais pormenor a evolução do clima e da vegetação do passado e justificou a recolha sistemática de amostras de sedimentos, localizados nos cortes de referência das 4 sondagens e de duas séries de amostras de sedimentos nas sondagens 1 e 2 (Figura 3).

Pese embora o resultado da determinação microscópica do conteúdo palinológico ainda estar em curso de realização sob a responsabilidade de (J. A. López Sáez do Laboratório de Arqueobotânica do Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid) será seguramente objecto de uma publicação a breve trecho. Posteriormente à recolha das amostras, foi retirada uma coluna de sedimentos em vários blocos (Figura 4) e realizado um registo fotográfico pormenorizado do corte de referência da sondagem 1 (Figura 5).

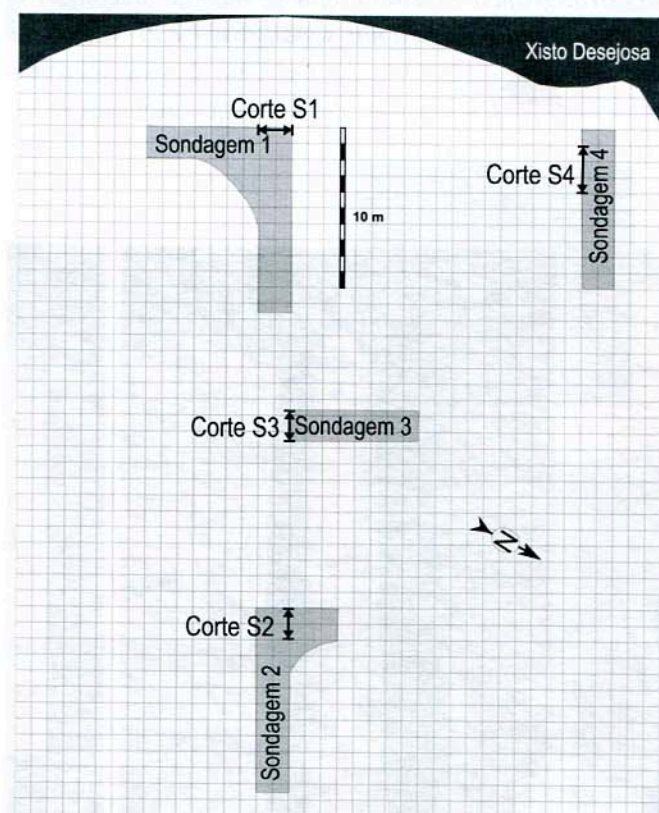


Figura 2: Implantação das áreas intervencionadas nas sondagens 1 e 4 realizadas em Março e Abril 2009 nas Olgas de Ervamoira.



Figura 3: Documentação estratigráfica e metodologia de recolha das amostras destinadas à análise palinológica nas sondagens 1 e 2.

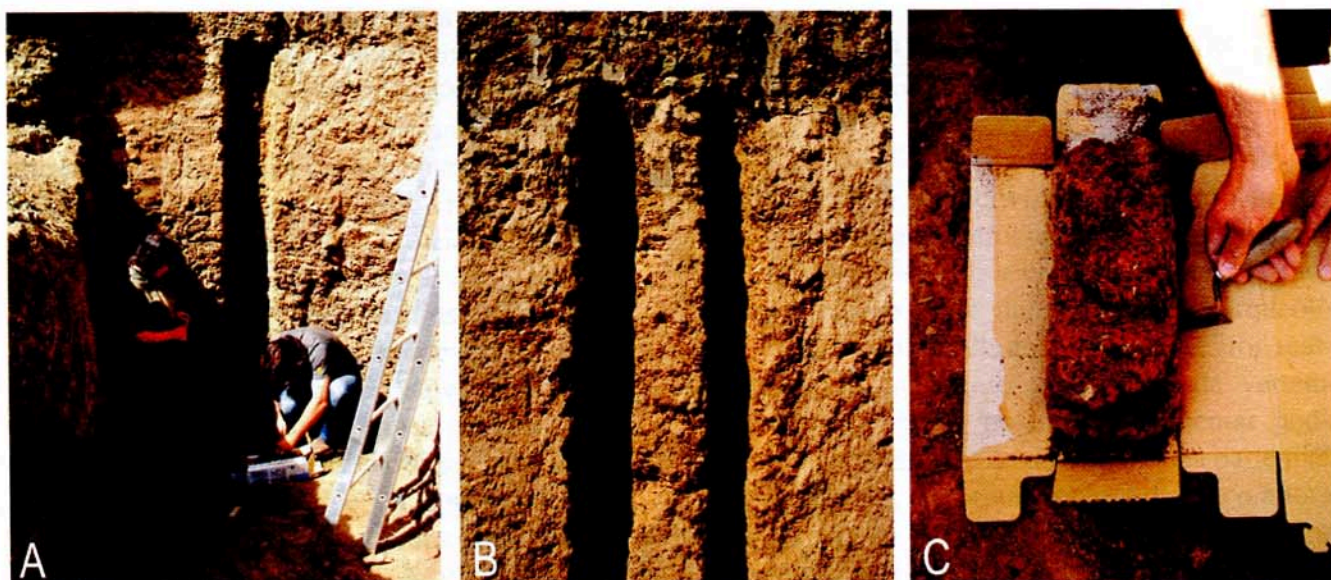


Figura 4: Recolha de uma coluna dos sedimentos em bloco no corte de referência da sondagem 1, A: posição da coluna no corte de referência; B: pormenor da coluna antes de ser retirada; C: acondicionamento de um dos fragmentos integrantes da coluna.

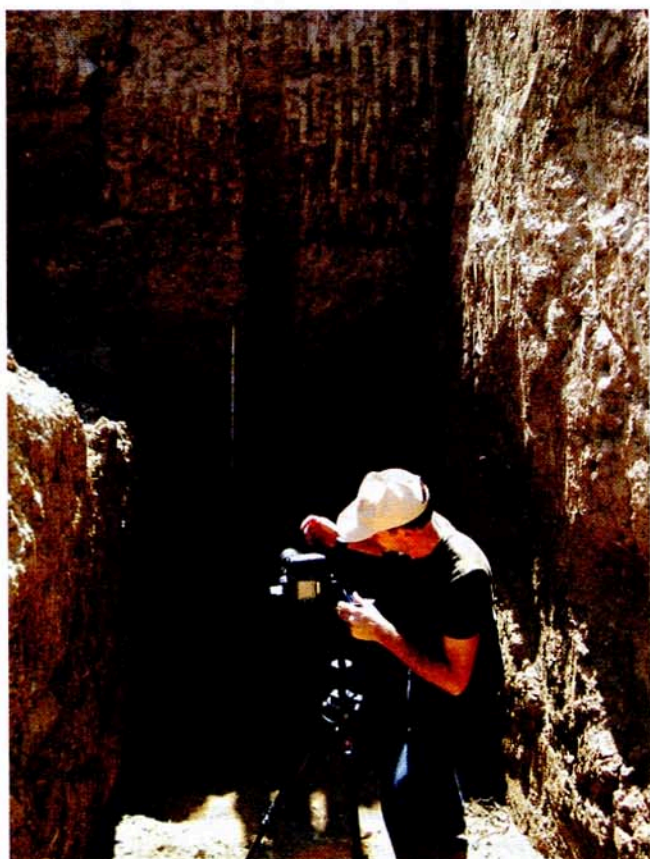


Figura 5: Documentação fotográfica do corte de referência da sondagem 1 da autoria de José Paulo Ruas

## RESULTADOS

Apesar de ainda não se dispor dos resultados da análise do conteúdo palinológico dos sedimentos e de elementos de datações absolutas para o sítio, as observações efectuadas nas sondagens distribuídas por uma área total de cerca de 300m<sup>2</sup> (Figura 2) e os vestígios de pedra lascada e cerâmicos encontrados indicam desde já a existência de várias fases de ocupação do sítio durante a Pré-História.

Na sondagem 1 os vestígios (unicamente constituídos por elementos de pedra lascada e fragmentos de rochas utilizadas em fogueiras), aparecem conservados em duas das unidades estratigráficas (limite entre as camadas 4 e 5 e base da camada 6, Figura 6) constituídas por depósitos acumulados e estabilizados na área mais próxima do afloramento rochoso. Todavia, as observações efectuadas não

forneceram dados diagnósticos e não revelaram a existência de níveis arqueológicos densos e com uma boa preservação pós-deposicional nestes depósitos unicamente conservados nas sondagens 1 e 4. A forte inclinação na vertente dos depósitos coluviais observados nestas duas sondagens e o grau de rolamento de alguns exemplares (*vide* n.º 4 e 5 da Figura 6) indicam que os vestígios foram provavelmente afectados por processos posteriores ao abandono pelo homem pré-histórico e objecto de uma selecção dos elementos de pequeno módulo deslocados na direcção do rio. Estes vestígios, uma vez remobilizados e depositados numa área mais baixa, foram provavelmente afectados posteriormente pelos processos aluviais erosivos evidenciados pelas diferenças entre as sondagens 1 e 3.

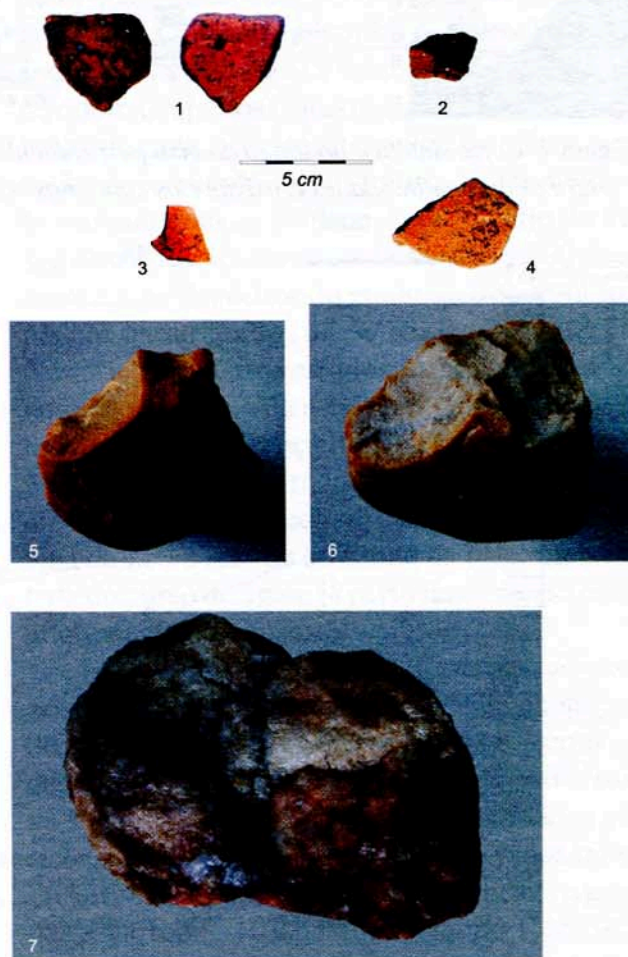


Figura 6: Vestígios cerâmicos do sítio das Olgas da Ervamoira: 1 – S2, UE 7C; 2- S3, UE6, 3 e 4 – S4, UE ½ e líticos; 5 – S1, UE 5; 6 – S1, UE 6 base e 7 – S1, UE 5

Em vários níveis da camada 7 das sondagens 2 e 3 foram encontrados fragmentos de cerâmica de fabrico manual atribuível à Pré-história recente (Quadro 1). Estes não apresentam decorações e a pasta não permite um diagnóstico cronológico rigoroso, podendo estas peças ser integradas num período tão lato como o compreendido entre o Neolítico e a Idade do Bronze. A fraca densidade, o pequeno módulo e o mau estado de conservação dos restos cerâmicos e líticos (Figura 6) evidenciados nos níveis aluviais da camada 7 das sondagens 2 e 3 não apontam para uma conservação *in situ* de vestígios de ocupação da Pré-História recente. Decorre

destas evidências que os vestígios resultarão provavelmente de uma dispersão pela totalidade da área montante do sítio provocada pelas cheias. Todavia, a origem destes vestígios fica por estabelecer.

Os hiatos sedimentares e de erosão observadas nas sequências dos cortes das 4 sondagens e o estudo das características granulométricas das amostras das camadas estratigráficas definidas permitem avançar a hipótese da equivalência entre as unidades 7/8 da sondagem 1, 9 das sondagens 2 e 3, e 7 da sondagem 4. Permitem-nos também elaborar uma proposta interpretativa da organização estratigráfica das camadas sobrejacentes (Figura 7 e 8).

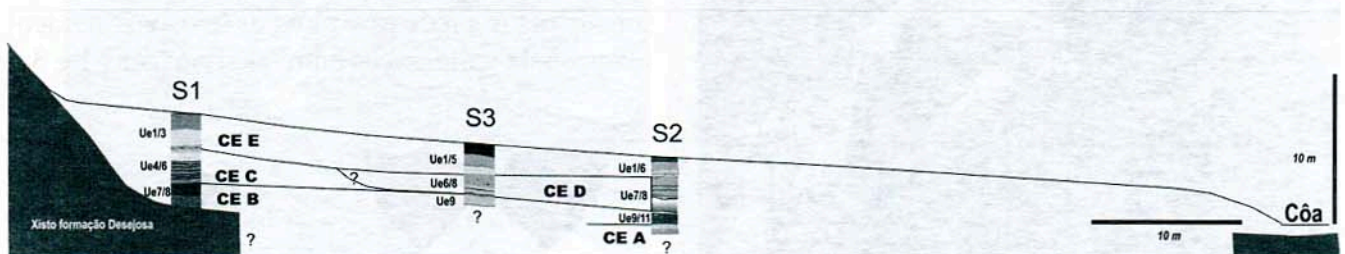


Figura 7: Corte sintético ao longo do eixo perpendicular ao traçado do rio Côa, com uma proposta de correlação entre as discontinuidades erosivas e os conjuntos sedimentares observados nos cortes das sondagens 1, 2 e 3

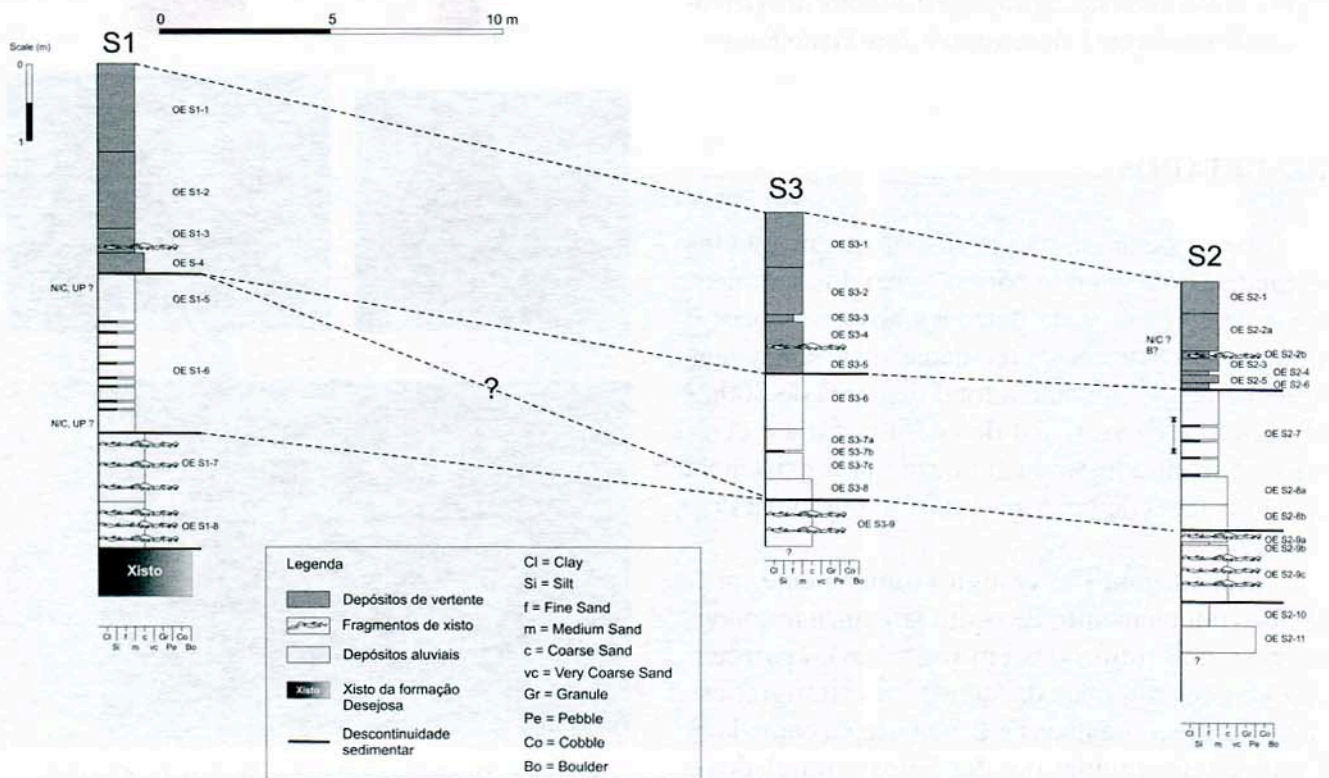


Figura 8: Descrição sedimentológica das camadas observadas nas sondagens 1 a 3 com as duas propostas de correlação entre as discontinuidades erosivas e os conjuntos sedimentares observados nos cortes

Nesta proposta de correlação dos cortes das três sondagens, o conjunto estratigráfico mais antigo, sobreposto à rocha na sondagem 1 (Figura 6, C.E.A) é constituído por uma acumulação de depósitos aluviais composto por níveis de seixos, de areias finas e de silts, como foi observado na base da sondagem 2.

O segundo conjunto sedimentar (C.E.B) foi observado em todas as sondagens. Este pode ser interpretado como o resultado de uma alimentação caracterizada por elementos pétreos provenientes da degradação da vertente rochosa (por influência climática e relativo aumento do processo de crioclastia?), posteriormente afectada por um processo aluvial de forte energia. A sua organização espacial sugere uma redistribuição e selecção de depósitos de vertente por processos aluviais. A título de hipótese, este conjunto pode ser relacionado com as unidades 7 e 8 do sítio do Fariseu que forneceram uma data OSL de cerca de 18.400 BP (equivalente de uma data  $^{14}\text{C}$  de 15.000 BP), sendo contemporâneo da fase fria do Dryas antigo e do ciclo de sedimentação conservado em frente à Rocha 1 neste sítio (Aubry et al., 2002; Mercier et al., 2006; Aubry e Sampaio, 2008a e 2008b).

O terceiro conjunto (C.E.C), constituído por uma alternância de depósitos coluviais associados a uma estabilização da vertente e uma agregação que revela uma fase de exposição aos agentes atmosféricos e de formação de um solo. Este conjunto só foi conservado na sondagem 1, a mais afastada da erosão fluvial.

– A) Numa primeira hipótese, posteriormente a uma fase erosiva que não foi documentada em corte, mas que está situada em planta entre as sondagens 1 e 3 (Figura 7 e 8), a porção mais baixa da planície aluvial é preenchida pelo conjunto estratigráfico D, constituído por areia e silts depositados no âmbito de processos aluviais de fraca energia. O material cerâmico encontrado sugere a sua deposição num intervalo compreendido entre o Neolítico e a Idade do Bronze, ou seja entre 6000 e 2800 anos antes do presente.

– B) Numa segunda possibilidade, os depósitos do conjunto D são equivalentes cronologicamente ao conjunto C e correspondem a duas fácies de sedimentação síncronas mas de características

sedimentares distintas, em função da proximidade da vertente (sondagem 2) ou do rio (sondagem 3).

Independentemente da hipótese interpretativa da contemporaneidade ou sucessão dos conjuntos C e D, posteriormente a esta fase de deposição, quer a utilização agrícola, quer o plantio e arranque da vinha na Quinta, deram origem a uma nova fase de desestabilização da vertente e de deposição dos produtos de alteração da mesma. Estes foram afectados recentemente pelo rio na parte mais baixa do sítio e constituem o conjunto E.

A sondagem 1 conserva uma sequência de mais de 6 metros de depósitos, a mais espessa das observadas na totalidade dos sítios arqueológicos do vale do Côa [os 5,5 metros de espessura da sondagem central do Fariseu era até este momento o valor mais alto (Aubry e Sampaio, 2008; Aubry, 2009)]. Na primeira hipótese (existência de uma fase erosiva que separa o momento de deposição dos dois conjuntos), quatro metros foram acumulados durante o Paleolítico superior. Se a correlação do conjunto estratigráfico B das Olgas da Erva moira com as unidade 7 e 8 do sítio do Fariseu datado de há cerca de 18.000 - 19.000 anos é correcta, os depósitos do conjunto estratigráfico C podem ser atribuídos à fase fria do Dryas recente. Nesta hipótese, os vestígios líticos detectados na base da unidade 4 da sondagem 1, podem ser atribuídos a uma presença humana no sítio durante o Magdalenense. Este registo está conservado numa área de superfície reduzida (menos de uma centena de  $\text{m}^2$ ) e restrita ao limite da parte mais afastada do curso de água, já perto do contacto com os afloramentos rochosos.

Da confirmação desta hipótese advém a assumpção de que nesta área do Vale a topografia dos afloramentos rochosos e da sua cobertura por depósitos quaternários é actualmente bem distinta da situação que existia durante o Paleolítico superior. À semelhança dos dados observados no sítio do Fariseu esta situação pode ser aplicada a grande parte da topografia das margens do Côa, sobretudo ao troço situado a jusante da Quinta da Erva moira. Esta tese implica a existência provável de superfícies rochosas, visíveis durante o Paleolítico superior, actualmente recobertas por sedimentos,

devendo este aspecto ser tomado em conta na elaboração de modelos de conservação e no estudo da distribuição das gravuras paleolíticas.

A confirmar-se a segunda hipótese — equivalência entre os conjuntos C e D — os vestígios líticos encontrados nas camadas 5 e 6 poderiam ser contemporâneos da deposição das cerâmicas das camadas 7 das sondagens 2 e 3, faltando, no entanto, explicar a ausência completa de restos de cerâmica na sondagem 1. Se os depósitos da camada 6 da sondagem 1 são contemporâneas da Pré-História recente, a situação implica também a existência provável de rochas gravadas recobertas por depósitos datados de há cerca de 5000 anos.

## PERSPECTIVA DE ESTUDOS E FUTURAS INTERVENÇÕES

A realização de novas sondagens na área a montante das que foram realizadas em 2009, próximo do afloramento rochoso, permitiria averiguar a existência de condições mais favoráveis para a conservação dos vestígios de ocupação humana, como também detectar eventuais elementos diagnósticos e estabelecer os limites do sítio.

Os resultados da determinação do conteúdo polínico (em curso) e a obtenção de datas absolutas pelo processo TL ou OSL para as camadas que forneceram vestígios arqueológicos nas sondagens 1 e 2 oferecerão novos argumentos para reforçar uma das duas hipóteses apresentadas de correlação entre as sondagens 1 e 3.

Os depósitos aluviais que constituem a maior parte do registo sedimentar quaternário conservado no sítio das Olgas da Ervamoira contém vestígios de ocupações da Pré-história recente. Como tal, uma escavação em extensão na camada 7 (definida nas sondagens 2 e 3), permitiria recolher um efectivo mais importante de vestígios e precisar a homogeneidade e atribuição cronológica dos restos cerâmicos. Contudo, estes aparecem em posição secundária, deslocados pela água das cheias, pelo que podem corresponder a várias momentos de utilização das margens do rio e possuem um fraco potencial informativo para a interpretação funcional do sítio.

Apesar da fraca densidade de vestígios detectada e das condições desfavoráveis de preservação dos vestígios arqueológicos, as sequências sedimentares holocénicas e possivelmente pleistocénicas conservadas no sítio das Olgas de Ervamoira revelaram-se de valor excepcional no contexto geoarqueológico regional (Aubry et al. 2009). Tal situação justificou um investimento na documentação pormenorizada do registo geológico. Procedeu-se à recolha de amostras sedimentológicas nas 4 sondagens e de uma coluna de blocos de sedimentos na sondagem 1 (de forma a possibilitar uma futura reconstituição e apresentação pública) e ao levantamento fotográfico da sequência estratigráfica de referência desta última sondagem.

Os resultados esperados das análises do conteúdo palinológico, permitirão certamente precisar o quadro estabelecido com base nas características sedimentológicas apresentadas neste artigo e na comparação com os sítios de ocupação da região (Aubry, 2009).

A campanha de sondagens nas Olgas de Ervamoira representa um importante contributo para o conhecimento da ocupação pré-histórica nas margens do rio Côa, revestindo-se também de um carácter excepcional pelo testemunho sedimentar conservado que, a seu tempo, permitirá reconstituir as variações paleoambientais dos últimos milénios da história deste vale.

## BIBLIOGRAFIA

- AUBRY, T.; MANGADO LLACH, X.; SAMPAIO, J. D.; SELLAMI, F. (2002) - Art, territories and modes of exploitation during the Upper Palaeolithic in the Côa Valley (Portugal). *Antiquity*. Cambridge. 76, p. 62-76.
- AUBRY, T.; LUÍS L.; SAMPAIO J.D. (2007) Primeira datação absoluta para a arte paleolítica ao ar livre: os dados do Fariseu (Vila Nova de Foz Côa). *Al-Madan*. Almada. 2.ª série:14, p. 48-52.
- AUBRY, T.; SAMPAIO, J.D. (2008a) - Fariseu: new chronological evidence for open-air Palaeolithic art in the Côa valley (Portugal). *Antiquity*. York. 82:312. In <http://www.antiquity.ac.uk/ProjGall/aubry/index.html>
- AUBRY, T.; SAMPAIO, J. (2008b) - Fariseu: Cronologia e interpretação funcional do sítio. In San-

- tos, A. T.; Sampaio, J., eds. - *Pré-história: Gestos intemporais* (III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: Actas das sessões; Vol. 1). Porto: ACDR de Freixo de Numão, p. 7-30.
- AUBRY, T.; BERGADA, M. M.; SELLAMI, F. (2009) – Capítulo 4 - Os depósitos quaternários: enquadramento cronológico, processos de formação e evolução. In: T. AUBRY, (Ed.) - *200 séculos da História do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Trabalhos de Arqueologia n.º 52, 511 p.
- FERREIRA DA SILVA, A; RIBEIRO, M.L. (1991) – Carta Geológica de Portugal. Notícia explicativa da folha 15-A, Vila Nova de Foz Côa, *Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa.
- GUIMARÃES, J.A.G. (1996) - A arqueologia do Vale do Côa – a estação arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira. In *Actas do 1.º Congresso de arqueologia Peninsular*. Porto. (*Trabalhos de Arqueologia e Etnologia*; 8), p. 569-575.
- MEIRELES, J.; ALMEIDA, F. (1997) - O Quaternário do Vale do Côa. In: *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*, Relatório Científico ao Governo da República Portuguesa elaborado nos termos da resolução do conselho de Ministros n.º 4/96, de 17 de Janeiro. João Zilhão (coord.). Ed. Ministério da Cultura, p. 41-73.
- MERCIER, N.; VALLADAS, H.; AUBRY, T.; ZILHÃO, J.; JORONS, J.L.; REYSS, J.L.; SELLAMI, F. (2006) - Fariseu: first confirmed open-air paleolithic parietal art site in the Côa Valley (Portugal). *Antiquity*. York. 80: 310. In <http://antiquity.ac.uk/ProjGall/mercier/index.htm> (citado em 25 de Setembro de 2006).
- MONTEIRO-RODRIGUES, S.; ANGELUCCI, D. (2004) – New data on the stratigraphy and chronology of the prehistoric site of Prazo (Freixo de Numão). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 7, nº1, p. 39-60.
- RIBEIRO, M.L. (2001) – *Notícia explicativa da carta geológica simplificada do Parque Arqueológico do Vale do Côa*. Ed. PAVC.
- ZILHÃO J. (coord.) (1997) – *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa. Trabalhos de 1995 – 1996. Relatório Científico ao Governo da República portuguesa elaborado nos termos da resolução do Conselho de Ministros n.º 4/96*, de 17 de Janeiro.

### Quadro 1: Inventários dos vestígios arqueológicos recolhidos nas sondagens 1/4 das Olgas da Ervamoira

OER 09'		S1						
Tecnologia	Bloco	Lasca		Lasca	Esquírola	Núcleo	Termoclasto	Percutor
		Cort.						
Quartzito			1			1		
Quartzo 1						1		
Quartzo 2				1				1

OER 09'		S1/C4						
Tecnologia	Bloco	Lasca		Lasca	Esquírola	Núcleo	Termoclasto	Percutor
		Cort.						
Quartzito			1					
Quartzo 1								
Quartzo 2				1				

OER 09'		S1/C5						
Tecnologia	Bloco	Lasca		Lasca	Esquírola	Núcleo	Termoclasto	Percutor
		Cort.						
Quartzito			2			1		3
Quartzo 1				1		2		
Quartzo 2						1	2	1

**OER 09' S1/C6**

Tecnologia	Bloco	Lasca		Esquírola	Núcleo	Termoclasto	Percutor
		Cort.	Lasca				
Quartzito					1		
Quartzo 1							
Quartzo 2			1				

1 seixo quartzito com impactos,  
sem levantamentos

**OER 09' S1/C7**

Tecnologia	Bloco	Lasca		Esquírola	Núcleo	Termoclasto	Percutor
		Cort.	Lasca				
Quartzo 1			1				

**OER 09' S2/C2**

Tecnologia	Bloco	Lasca		Esquírola	Núcleo	Termoclasto	Percutor
		Cort.	Lasca				
Quartzo 1			3				
Quartzo 2			2		2		

**OER 09' S2/C3**

Tecnologia/Mat. Primas	Bloco	Lasca		Esquírola	Núcleo	Termoclasto	Percutor
		Cort.	Lasca				
Quartzo 2			2				

**OER 09' S2/C7A**

Tecnologia	Bloco	Lasca		Esquírola	Núcleo	Termoclasto	Percutor
		Cort.	Lasca				
Quartzito		1(rolada)					1
Quartzo 1			1				
Quartzo 2			1		1*		1

1\* queimado e lascado posteriormente  
cerâmica manual (1 caco) Pré-História  
recente

1 raspadeira em quartzo

**OER 09' S2/C7C**

Tecnologia	Bloco	Lasca		Esquírola	Núcleo	Termoclasto	Percutor
		Cort.	Lasca				
Cerâmica manual (1 caco) Pré-História recente?							

**OER 09' S2/C9**

Tecnologia	Bloco	Lasca		Esquírola	Núcleo	Termoclasto	Percutor
		Cort.	Lasca				
Quartzito		1 (rolada)					
Quartzo 1							
Quartzo 2		1 (rolada)	1				

**OER 09' S3/C2**

Tecnologia	Lasca		Lasca	Esquírola	Núcleo	Termoclasto	Percutor	
	Bloco	Cort.						
Quartzito			1					
Quartzo 1								
Quartzo 2			1					
1 Fragmento de telha - Época Contemporânea								

**OER 09' S3/C6**

Tecnologia	Lasca		Lasca	Esquírola	Núcleo	Termoclasto	Percutor	
	Bloco	Cort.						
Quartzito							1	
Quartzo 2					1			
Cerâmica manual (1 caco) - Pré-História recente								

**OER 09' S4/C1/C2**

Tecnologia	Lasca		Lasca	Esquírola	Núcleo	Termoclasto	Percutor	
	Bloco	Cort.						
Quartzo 1					2			
Quartzo 2					1			
1 Seixo queimado (quartzo 2) 2 Cacos - período romano?								

**OER 09' S4/C4**

Tecnologia	Lasca		Lasca	Esquírola	Núcleo	Termoclasto	Percutor	
	Bloco	Cort.						
Quartzito		2						
Quartzo 1			1					
Quartzo 2		1					1	

**OER 09' S4/C5/C6**

Tecnologia	Lasca		Lasca	Esquírola	Núcleo	Termoclasto	Percutor	
	Bloco	Cort.						
Quartzo 1					1			
Quartzo 2					1	1		

**OER 09' S4/C6**

Tecnologia	Lasca		Lasca	Esquírola	Núcleo	Termoclasto	Percutor	
	Bloco	Cort.						
Quartzito					1		1	
Quartzo 1		1					1	